

<http://dx.doi.org/10.21707/gaia.v10.n04a08>

PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NA CHÁCARA SANTO ANTÔNIO, CÁCERES-MT, BRASIL

SANTOS, THAIS APARECIDA COELHO¹; CARNIELLO, MARIA ANTONIA^{1,3}; BARROS, FLÁVIO BEZERRA^{1,2};

¹Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), thaiscoelhobiologia@gmail.com;

²Programas de Pós-Graduação em Agriculuras Amazônicas (PPGAA) e em Antropologia (PPGA), Universidade Federal do Pará (UFPA), flaviobb@ufpa.br;

³Faculdade de Ciências Agrárias e Biológicas, Departamento de Ciências Biológicas – Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), carniello@unemat.br.

Recebido em 16 de julho de 2015. Aceito em 26 de maio de 2016. Publicado em 30 de setembro de 2016.

RESUMO – As práticas agroecológicas nos remetem à recuperação dos saberes tradicionais. Com isso, o objetivo deste estudo foi investigar o manejo da agrobiodiversidade na Chácara Santo Antônio, Cáceres, MT. Para tanto, empregamos técnicas de história oral, entrevista informal, entrevista não estruturada e observação. Os dados foram registrados por meio de fotografias e diário de campo. Foram registrados uma riqueza de 72 espécies, dos quais 42 são alimentares, 28 medicinais, 10 ornamentais e quatro sem categoria do uso definido. O manejo da agrobiodiversidade é realizado com técnicas simples, robustas e sem muitos custos financeiros, alguns exemplos são: utilização de restos vegetais como adubo, a resistência ao uso do agrotóxico e a origem das sementes, estas geralmente obtidas por troca.

PALAVRAS-CHAVE: AGROBIODIVERSIDADE. SABERES TRADICIONAIS. CULTIVOS ALIMENTÍCIOS.

AGROECOLOGICAL PRACTICES AND TRADITIONAL KNOWLEDGE IN CHÁCARA SANTO ANTÔNIO, CÁCERES-MT, BRAZIL

ABSTRACT – Agroecological practices refer us to the recovery of traditional knowledge. With this, the objective this study was to investigate the management of agro-biodiversity in the Chácara Santo Antônio, Cáceres, MT. To this end, we employ oral history techniques, informal interview, unstructured interview and observation. The data were recorded by photographs and field journal. Were recorded a wealth of 72 species, of which 42 are food, 28 medicinal, 10 ornamental and four without usage category. The management of agro-biodiversity is accomplished with simple techniques, and without a lot of financial costs, some examples are: use of leftover vegetables as fertilizer, pesticide use resistance and the origin of the seeds, these usually obtained by exchange.

KEY WORDS: AGRO-BIODIVERSITY, TRADITIONAL KNOWLEDGE, FOOD CULTIVATION.

PRÁCTICAS AGROECOLÓGICAS Y CONOCIMIENTOS TRADICIONALES EN CHÁCARA SANTO ANTÔNIO, CÁCERES-MT, BRASIL

RESUMEN – Las prácticas agroecológicas en referencia a la recuperación de los conocimientos tradicionales. Por lo tanto, el objetivo de este estudio fue investigar la gestión de la biodiversidad agrícola en Chacara Santo Antonio, Cáceres, MT. Por lo tanto, hemos utilizado técnicas de historia oral, entrevista informal, entrevista no estructurada y la observación. Los datos fueron registrados a través de fotografías y diario de campo. Una riqueza de 72 especies fueron registradas, de las cuales 42 son alimentos, medicamentos 28, 10 ornamentales sin categoría cuatro el uso definido. La gestión de la biodiversidad agrícola se logra con técnicas sencillas, robustas y sin muchos costos financieros, algunos ejemplos son: uso de residuos agrícolas como fertilizantes, la resistencia al uso de pesticidas y el origen de las semillas, que generalmente se obtiene mediante intercambio.

PALABRAS CLAVE: AGROBIODIVERSIDAD, SABERES TRADICIONALES, CULTIVOS ALIMENTÍCIOS.

INTRODUÇÃO

Os pequenos produtores manipulam a paisagem natural de tal forma que mantêm e favorecem as características ambientais: a heterogeneidade espacial e diversidade biológica (Toledo and Barrera-Brassols 2008). Quando a biodiversidade é restituída aos agroecossistemas, numerosas e complexas interações passam a estabelecer-se entre o solo, as plantas e os animais. O aproveitamento de interações e sinergismos complementares resulta em efeitos benéficos para os seres humanos e o meio ambiente (Altieri 2004).

As comunidades de agricultores tradicionais utilizam a biodiversidade de cada um dos ecossistemas existentes de forma coerente. Cada cultura local interage com seu ecossistema local, suas paisagens e biodiversidade, de tal maneira que resulta em uma complexa e ampla gama de interações específicas (Toledo and Barrera-Brassols 2008).

Essa complexa e ampla gama de interações que o agricultor estabelece com a natureza é transformada em conhecimentos. Assim, o agricultor para enfrentar o presente e preparar-se para o futuro utiliza seus conhecimentos do passado, o que lhe permite construir um saber tradicional e local do ambiente que o circunda. Esses saberes são transmitidos ao longo das gerações, garantindo à estas as condições para sua sobrevivência (Amorozo 2012), e também sua reprodução social.

As práticas agroecológicas nos remetem à recuperação dos saberes tradicionais, a um passado no qual o ser humano era dono do seu saber, a um tempo em que seu saber marcava um lugar no mundo e um sentido de existência (Leff 2002). O estudo dos sistemas de produção tradicionais possibilita compreender as estratégias sociais dos agricultores, em sua relação com a complexidade e diversidade do meio ambiente, integração ao mercado, políticas públicas e entorno socioeconômico (Matos and Marim 2009). Além disso, evoluída em estreita sintonia com os conhecimentos sobre seus usos e manejos, a agrobiodiversidade, ao ser extinta, leva com ela as culturas das populações rurais (Almeida 2004).

Na região de Cáceres (MT), um costume comum é o cultivo de variedades de plantas alimentícias em quintais urbanos, demonstrando assim estratégias de reprodução divergentes do *agrobusiness*. Com efeito, o objetivo deste estudo foi investigar o manejo da agrobiodiversidade e as lógicas inerentes a um modo de vida camponês de um casal de agricultores na região em comento.

METODOLOGIA

Realizamos o estudo na chácara dos agricultores Dona Isabel da Silva Campos (76 anos) e Senhor Antônio Ventura de Campos (79 anos), localizada na região periurbana da cidade de Cáceres-MT (Figura 1). A referida cidade está situada na região Sudoeste de Mato Grosso a 228 Km da capital do Estado (Cuiabá), georreferenciada em 16°13'42" S e 57°40'51" W. O município possui extensão territorial de 24.351,408 Km² e a população estimada em 90.106 habitantes, 87% residindo na zona urbana. É constituído por formações naturais de Pantanal, Cerrado e Floresta Amazônica (Ibge 2014).

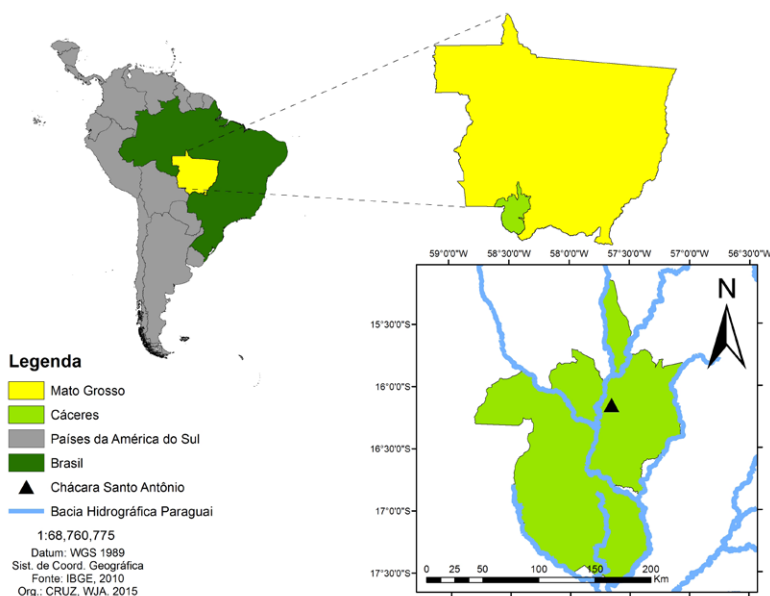
O município de Cáceres está localizado em uma região de ocupação antiga, na fronteira do Brasil com a Bolívia onde são recorrentes as marcas culturais de povos indígenas, destacando-se Chiquitanos, Bororo e Guató (Carniello 2007). Com predomínio de pecuária extensiva e agricultura diversificada, atividades praticadas em estabelecimentos familiares (Silva et al. 2012).

A propriedade dos agricultores em referência, atores com os quais dialogamos, foi selecionada em razão de a mesma já fazer parte de estudos anteriores sobre a relação das pessoas com a agrobiodiversidade presente em sítios e quintais. Os dados foram coletados por meio de vivência de curta duração; empregamos técnicas da história oral (Viertler 2002); entrevista informal sem qualquer estrutura ou controle, em que o pesquisador faz notas durante e depois de uma conversa casual, do que é dito e observado; entrevista não estruturada, neste caso a

entrevista se desenvolve dentro de um quadro estabelecido pelo pesquisador e a ideia é conseguir do interlocutor em um tópico durante o exercício, o mínimo de controle sobre as respostas. Estas técnicas são tipicamente empregadas em estudos na área de Etnobiologia e Etnoecologia (Albuquerque 2005). Também utilizamos a observação (Bernard 1988). Além disso, incorporamos dados de estudos anteriores a este.

O registro das informações referentes ao desenvolvimento do trabalho de campo foi realizado utilizando o diário de campo, no qual foram anotados desde as observações feitas até mesmo as impressões subjetivas. Após as devidas autorizações dos interlocutores, fotografias foram feitas com o intuito de registrar o contexto estudado.

Figura 1 – Área de estudo – Chácara Santo Antônio, Cáceres, MT, Brasil.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este estudo foi realizado em uma local onde o espaço ao redor das casas constitui um importante lugar de socialização e conservação de saberes e componentes da agrobiodiversidade. Os interlocutores classificam o seu lugar como uma chácara, que conforme Vieira (2006) é uma nomenclatura local para a unidade de manejo menor que a roça e maior que o quintal e se caracteriza pela produção para a subsistência e a proximidade da autonomia da unidade de produção em propágulos, materiais genéticos e outros insumos externos. A esse respeito dona Isabel relata:

Vivemos aqui neste lugar desde que me casei com Antonio, Casamos em 1957, e daqui só saímos um ano que fomos morar lá no mesmo lote do Chico do berrante, meu irmão. Logo voltamos e aqui nasceram todos os filhos, agora os netos e bisnetos. Parte dos filhos tão tocando a vida no seu pedacinho (lote), se arrumaram fora daqui. Quem primeiro chegou aqui foi meu sogro, ele morava bem aí onde hoje é o campo de futebol.

Foi chegando um, foi chegando outro e quem não tinha onde morar, ele deixava fazer o rancho, plantar uma mandioca, criar uma galinha e foram ficando. Hoje tá tudo cheio de moradores, até fizeram a casa bem rente no caminho que sai lá prá rua. Tamo (estamos) agora aqui nesta **chacrinha**, cercando tudo arredor.

O fato dos interlocutores realizarem atividades produtivas no seu quintal reflete uma -espécie de resistência a uma identidade jamais esquecida, uma vez que ambos nasceram e viveram boa parte da vida na zona rural. Muitas foram as ocasiões em que, durante nossas conversas na chácara, Dona Isabel rememorava a época da juventude, ao contar as coisas que sua mãe e pai ensinavam, incluindo aí as plantas importantes para alimentação, como pode ser observado na narrativa da interlocutora:

Desde de pequeninha nossa mãe ensina o significado das plantas. O que planta, buscar as plantas de remédio do mato, fazer uma farinha de mandioca, um purvilho (polvilho). Uma pessoa seja homem ou mulher sempre vai precisar, se virar na hora que as dificuldades aparecem.

A persistência na manutenção do modo de vida tradicional representa uma estratégia de reprodução física e simbólica de sua cultura campestre, mesmo na zona urbana, um modo de vida jamais esquecido, como pode se perceber na fala de dona Isabel: “*A roça da fartura. A vida era difícil, mas nunca faltou comida. Gostaria de morar no sítio*”.

Grisa et al. (2012) afirmam que a base da agricultura familiar é a produção para o autoconsumo, de modo a assegurar a segurança alimentar, bem como, o acesso direto sobre o alimento, e neste caso conferindo-lhe a soberania alimentar, sobre isso dona Isabel contribui: “*Como é bom colher o fruto que plantamos...*”.

A área que os interlocutores possuem para o cultivo é de cerca de um hectare. Neste espaço foi encontrada uma rica agrobiodiversidade e um impressionante repertório de saberes aprendido desde os tempos do interior. Identificamos uma riqueza de 72 espécies de plantas cultivadas (Tabela 1) com potencialidades e respectivos números de espécies: alimentícias (n=42), medicinais (n=28), ornamentais (n=10) e quatro sem potencialidade indicada.

Tabela 1 - Espécies vegetais registradas no quintal estudado segundo o levantamento, Cáceres, MT. Legenda: P. I. – Potencialidade indicada: A – alimentício; M - medicinais; O – ornamentais; SPI – sem potencialidade indicada.

Família	Nome Científico	Etnovariedade*/ Nome Popular	PI.
Amaranthaceae	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Erva Santa Maria	M
Amaryllidaceae	<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebolinha	A
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L. <i>Mangifera indica</i> L.	Caju Manga	A A

Annonaceae	<i>Annona squamosa</i> L.	Ata	A
	<i>Annona</i> sp.	Fruta do conde	A
Apocynaceae	<i>Catharanthus roseus</i> L. G. Don	Bom dia	O
	<i>Tabernaemontana coronaria</i> (Jacq.) Willd.	Jasmim	O
Araceae	<i>Dieffenbachia picta</i> Schott.	Comigo ninguém pode	O
Areaceae	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Bocaiuva	A
	<i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng.	Babaçu	A
	<i>Scheelea phalerata</i> (Mart. ex Spreng.) Burret	Acuri	A
	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco da bahia	A
Asphodelaceae	<i>Aloe vera</i> (L.) Burn. f.	Babosa	M
Asteraceae	<i>Acmella ciliata</i> (Kunth) Cass.	Caferana	M
	<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão	M
	<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass.	Picão branco	M
	<i>Achillea millefolium</i> L.	Pronto alivio	O
	<i>Tageteae</i> sp.	Margarida	O
Balsaminaceae	<i>Impatiens walleriana</i> Hook.f.	Beijo Vermelho	O
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	A
Brassicaceae	<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve	A
Cactaceae	Indeterminada	Cacto	O
Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	A
Convolvulaceae	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Batata doce	A
	<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urb.	Amaro leite	M
Cucurbitaceae	<i>Cucurbita pepo</i> L.	Abóbora	A
	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	Melancia	A; M
Dioscoreaceae	<i>Dioscorea alata</i> L.	Cará	A
Euphorbiaceae	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca amarela, Mandioca branca, Mandioca cacau, Mandioca 3 meses*	A
	<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) A. Juss.	Canção	M

	<i>Jatropha elliptica</i> (Pohl) Oken	Purga de lagarto	M
Fabaceae	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	Feijão andu	A
	<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Feijão catadô	A
	<i>Dipteryx alata</i> Vogel	Cumbaru	SPI
	<i>Mimosa</i> sp.	Dorme dorme	M
Lamiaceae	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Alfavaca	M
	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	M
	<i>Lavandula angustifolia</i> Mill	Alfazema	M
Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	A
Malpighiaceae	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	A
Malvaceae	<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Quiabo de angola	A
	<i>Gossypium herbaceum</i> L.	Algodão	M
Martyniaceae	<i>Craniolaria integrifolia</i> Cham.	Cumba	M
Meliaceae	<i>Azadirachta indica</i> A. Juss.	Nim	M
Myrtaceae	<i>Eugenia stipitata</i> Mc. Vaugh	Araçá-boi	A
	<i>Psidium guajava</i> L..	Goiaba	A
Musaceae	<i>Musa</i> sp.	Banana 3 quinas, banana nanica, banana grande, banana d'água*	A
Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	A
Passifloraceae	<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	A
Pedaliaceae	<i>Sesamum indicum</i> DC.	Gergelim	A; M
Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	M
Poaceae	<i>Zea mays</i> L.	Milho	A
Polypodiaceae	<i>Polypodium decumanum</i> Willd.	Rabo de catinguele	M
	<i>Rosa</i> sp.	Rosa príncipe negro	O
Rubiaceae	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	A
	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	M
	<i>Borreria eryngioides</i> Cham. & Schtdl.	Vassourinha	M

Rutaceae	<i>Citrus aurantiifolia</i> (Christm.) Swingle.	Limão Galego	A
	<i>Citrus</i> sp.1	Limão cravo	A
	<i>Citrus limona</i> L.	Tangerina	A
	<i>Citrus</i> sp.2	Laranja	A
	<i>Citrus</i> sp.3	Lima	A
	<i>Murraya paniculata</i> (L.) Jack	Murta	M
	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	M
Solanaceae	<i>Capsicum chinense</i> Jacq.	Pimenta roxa	A
	<i>Capsicum annuum</i> L.	Pimentão	A
	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	A; M
Urticaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Tréc.	Embaúba	M
Zingiberaceae	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	A; M
	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L.Burtt & R.M.Sm.	Araruta; Colônia	M
	<i>Curcuma longa</i> L.	Açafrão	A
Indeterminadas	Indeterminada 1	Espinafre de rama	A
	Indeterminada 2	Mamano	A
	Indeterminada 3	Melissa	M
	Indeterminada 4	Fuma de cachorro	O
	Indeterminada 5	Cachichu de porco	A; M
	Indeterminada 6	Dama da noite	O
	Indeterminadas 7	Alçamuca, castanha da índia.	SPI

A atividade de cada agricultor está motivada por cosmovisões e constelações de valores e interesses que são incomensuráveis com os valores monetários da agronomia (Leff 2002). Nesse sentido, as plantas alimentícias além de atender o consumo da família, também auxiliam na geração de renda com a venda do excedente para colegas. A roça é cultivada em sistema de policultivo, apresentando variedades de mandioca e banana, o milho, o abacaxi, o cará, entre outros (Figura 2). Estão arrançadas espacialmente de forma aleatória, o que maximiza a probabilidade de cruzamento entre variedades, diminuindo as distâncias entre variedades distintas, e promovendo a amplificação da variabilidade genética na roça (Martins 2005).

As sementes e mudas, neste caso, foram em sua maioria obtidas por meio de troca com os vizinhos e colegas, uma prática comum na região; fato este também observado por Pilla; Amorozo (2009) e Pasa et al. (2005). A produção também serve para trocar ou presentear os vizinhos, como pode ser constatado no relato de dona Isabel:

E muito eu não compro quase nada...ah daí dos vizinhos sempre eu tenho essa água né, agora que pago essa luz ai quando eu tiro a água eu do um pouco pra pagar energia né que agora é motor né, mas quase tudo meus vizinho as vezes se eu preciso, se eu

tô doente eles vem lava uma roupa pra mim, outro faz outra coisa, agora que não tá precisando mais muito porque tem os filhos faz né, mas eles só eu precisar eles falam se a senhora perece é porque a senhora qué porque ajuda, agora isso pra mim já é uma grande coisa né... se tem um filho doente, já vão visitar pra mim, quem gosta de meu filho gosta de mim né, já é coisa muito boa, ajuda.

Figura 2 - Cultivo de plantas alimentícias, da chácara Santo Antônio, Cáceres, MT, Brasil.



Foto: TAC, Santos.

O relato acima demonstra a relação de solidariedade existente no local, uma relação vista frequentemente em ambientes rurais. Sabourin (2011), diz que a ajuda mutua de reciprocidade manteve-se no mundo rural, porque além das prestações materiais, ela assegura uma produção de valores para as comunidades rurais ou urbana.

Os interlocutores otimizam o espaço plantando espécies com hábitos diferentes, arbóreo, arbustivo e decumbente. Além disso, foi observada a alternância no local do cultivo, promovendo a rotação dos cultivos ao longo do tempo. Não utilizam insumos externos, o principal adubo usado é baseado no aproveitamento das folhas e caules de bananeira e de outras plantas, e material capinado, os quais vão sendo incorporados ao solo. Esta ação fornece também cobertura de solo, favorecendo a reciclagem dos nutrientes e matéria orgânica, por meio da biomassa das plantas, e assim mantendo e/ou melhorando a qualidade do solo.

As ferramentas de trabalho são simples, como a enxada, a foice, o facão, entre outros; também não utilizam agrotóxicos, pois possuem consciência dos efeitos danosos à saúde. Por diversas ocasiões, Dona Isabel destacou: *“preferimos plantar essas coisinhas em nosso quintal para não ter que comer frutas e verduras cheias de veneno, como essas que vendem por aí”*.

De acordo com Pilla; Amorozo (2009), a observação direta e atenta do ambiente permite aos agricultores estabelecer relações entre eventos naturais (como fases da lua, chuva, clima etc) e o cultivo. E é assim que ocorre neste sistema de produção, pois Seu Antônio nos relatou que realiza o plantio de mandioca e banana na lua nova, pois é esta fase da lua que proporciona uma

melhor produção se comparada as outras luas. Segundo ele, esta lua é boa principalmente para o plantio de espécies que produzem embaixo da terra.

Segundo Vieira (2006) as roças possuem em boa parte da agricultura, uma grande diversidade, resultante das interações ser humano e ambiente, e suas interações sociais, culturais e religiosas. Neste contexto, encontramos na roça a palmeira Acuri, que para dona Isabel representa um grande exemplo de união, uma vez que seus cachos mesmo quando atacados pelo fogo, não morrem; assim ela faz uma analogia entre os cachos de acuri com a união de uma comunidade. Segundo ela, “*os coquinhos (frutos) crescem todos muito unidos e um protege o outro. Assim tem que ser as comunidades*”. Outro exemplo é a Cumba que devido a forma de sua semente lembrar a cabeça de uma cobra, é usada para fazer chá para curar *ofensa de bicho*, modo de dizer local se referindo às serpentes. Com efeito, quem for atacado por este animal, o chá faz a vítima vomitar o veneno da cobra. É usada também como amuleto de proteção.

A propriedade e as práticas sociais desenvolvidas cumprem um importante papel na manutenção da agrobiodiversidade e de um modo de vida ligado a uma relação sociedade e natureza, mesmo em área urbana.

CONCLUSÕES

Diante de um território em que cada vez mais o agronegócio vem se expandindo, encontramos um exemplo de que é possível produzir alimentos com pouco espaço e técnicas menos prejudiciais ao ambiente e à saúde humana.

A propriedade estudada apresentou uma riqueza vegetal significativa, contribuindo para uma complexa rede de interações biológicas que favorece a conservação do ambiente. O conhecimento local dos agricultores foi adquirido por meio do diálogo com seus pais, e que vem sendo mantido com o passar dos anos, mesmo residindo num ambiente diferente do qual viveram.

As técnicas utilizadas pelos agricultores demonstram um profundo conhecimento do ambiente no qual vivem, bem como sobre as plantas que cultivam. Embora com a idade avançada, não perderam e nem abandonaram o costume de plantar, fazer uma roça mesmo que pequena, cultivar as plantas medicinais para fazer os “chás milagrosos”, plantar espécimes com flor para “enfeitar” a frente da casa, enfim, é mais que costume, é uma identidade, pois mesmo após os avanços e a chegada da modernidade, se mantém viva e permanece no cotidiano do ser e prover os artefatos de que necessitam, e que, muito provavelmente dificilmente deixará de estar presente.

Contudo é de suma importância a valorização de costume tradicionais como um dos aspectos relevantes para a manutenção da agrobiodiversidade (Viegas and Buriol 2014). Pois, são esses “costumes” que traduzem “identidades” que nos tem revelado que é possível o ser humano viver em harmonia com a natureza, e que esta não está contra nós, pelo contrário, nos fornece meios para podermos usá-la e conservá-la.

AGRADECIMENTOS

Aos senhores Isabel da Silva Campos e Antônio Ventura Campos por terem permitido a realização deste estudo e compartilhado conosco seus conhecimentos.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque UP. 2005. **Introdução à Etnobotânica**. 2nd ed., Rio de Janeiro: Interciência.
- Amorozo MCM. 2012. Diversidade agrícola em um cenário rural em transformação: será que vai ficar alguém para cuidar da roça?. In: Ming LC et al. (Org.), **Agrobiodiversidade no Brasil: experiências e caminhos da pesquisa**, 6, Recife: Nuppea.
- Almeida P. 2004. Revalorizando a agrobiodiversidade. **Agriculturas**. 1(1).
- Altieri MA. 2004. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 5. Porto Alegre.
- Bernard HR. 1988. **Research methods in cultural anthropology**. Sage, New-bury Park, Calif. 149-179 p.
- Carniello MA. 2007. **Estudo etnobotânico nas comunidades de Porto Limão, Porto Alabrado e Campo Alegre, na fronteira Brasil-Bolívia, Mato Grosso, Brasil**. Tese (Doutorado em Biologia Vegetal). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. 215 p.
- Grisa C, Gazolla M and Schneider S. 2012. A produção invisível” na agricultura familiar: auto-consumo, segurança alimentar e políticas públicas de desenvolvimento rural. **Agroalimentaria**, Mérida/Venezuela, 16 (31):65-79.
- Ibge Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades@. 2014. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=510250&search=mato-grosso|caceres>>. Acesso em: 10 abr. 2015, 21:04:50.
- Leff E. 2002. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecol.e Desenv.rur.sustent.**, 3(1):36-41.
- Matos GR e Marin JOB. 2009. Agricultores familiares e sistemas de produção de frutas em Itapuranga, Goiás. **Pesquisa Agropecuária Tropical (Agricultural Research in the Tropics)**, 39(3): 197-206.
- Martins PS. 2005. Dinâmica evolutiva em roças de caboclos amazônicos. **Estudos Avançados**, 19(53):209-2019.
- Pasa MC, Soares JJ and Guarim Neto G. 2005. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). **Acta Botanica Brasilica**, 19(2):195-207.
- Pilla M e Amorozo M. 2009. O conhecimento sobre os recursos vegetais alimentares em bairros rurais no Vale do Paraíba, SP, Brasil. **Acta Bot Bras**, 23:1190-1201.
- Sabourin E. 2011. Teoria da Reciprocidade e sócio-anthropologia do desenvolvimento. **Sociologias**, 13(27):24-51.
- Silva TP, Almeida RA and Kudlavicz M. 2012. Os assentamentos rurais em Cáceres/MT: espaço de vida e luta camponesa. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, 8(15):62-82.

Toledo VM e Barrera-Bassols N. 2008. **La Memoria Biocultural: la importancia ecológica de las sabidurías tradicionales**, 3, Icaria Editorial.

Vieira SN. 2006. **A unidade de manejo chakra em comunidades agrícolas tradicionais da morraria em Cáceres, MT**. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Agricultura Tropical, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá- MT.

Viertler RB. 2002. Métodos Antropológicos como Ferramenta para Estudos em Etnobiologia e Etnoecologia. In: Amorozo CM et al. (Ed.) **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: SBEE, SP, 11-29 p.